

PREÇOS PAGOS AOS AGROEXTRATIVISTAS NO SISTEMA PRODUTIVO DA PIAÇAVA DA BAHIA - FIBRA VEGETAL

Noara Modesto Pimentel¹

Claudio Del Menezzi²

Haroldo César Bezerra de Oliveira³

Renilda Conceição dos Santos⁴

Valoração e Economia Ambiental

Resumo

O extrativismo da Piaçava da Bahia (*Attalea funifera*) ocorre antes mesmo da colonização europeia no Brasil, e ainda hoje é utilizada como fonte de renda para diversos segmentos tradicionais e agricultores familiares no Território do Baixo Sul da Bahia. O objetivo deste trabalho é analisar os ganhos econômicos, a variação de preços e, sobretudo a valorização da atividade econômica extrativista, compreendendo o universo de trabalho de comunidades quilombolas, cooperativas de agricultores familiares e associações comunitárias, desde a extração da piaçava no campo até a venda a para 1º atravessador. A metodologia consistiu no levantamento de dados no período de 2011 a 2021, através de visita de campo, reuniões e aplicação de roteiros semiestruturados, bem como atualização da revisão da literatura. Os resultados encontrados foram uma variação de preços pagos ao produtor, que variaram entre R\$ 24,10 por arroba em 2017, para R\$ 15,39 por arroba em 2019. Em contraponto a esses dados os produtores informaram uma elevação nos preços pagos pela fibra bruta da piaçava da Bahia, variando entre R\$ 14,00 por arroba entre 2018 e 2019 até R\$ 26,00 por arroba em 2020. Sugere-se o fortalecimento dos elos entre os produtores e instituições locais, bem como atuação dos gestores públicos municipais na formação de um arranjo produtivo local estruturado. A assistência técnica contínua e o acompanhamento dos volumes e preços, o conhecimento das especificidades, gargalos e oportunidades para o aporte de políticas públicas, que valorize os serviços socioambientais promovidos pelos extrativistas do Território do Baixo Sul da Bahia.

Palavras-chave: Uso sustentável da Mata Atlântica; comercialização da fibra vegetal da Piaçava da Bahia; *Attalea funifera*; cadeia produtiva dos produtos da sociobiodiversidade; Bioeconomia Quilombola.

¹Dra. Universidade de Brasília – Departamento de Engenharia Florestal - noarapimentel@gmail.com.

²Prof. Dr. Universidade de Brasília – Departamento de Engenharia Florestal - cmenezzi @gmail.com.

³Consultor técnico especialista da empresa Etnoparceiros – haroldocho@gmail.com

⁴Tesoureira da Associação Quilombola do Brejo Grande de Ituberá (AQBGI)- brejograndeitubera@gmail.com



INTRODUÇÃO

A Piaçava da Bahia (*Attalea funifera*) é uma espécie nativa da Mata Atlântica e utilizada pelos residentes do Território do Baixo Sul da Bahia antes da colonização brasileira. Essa Palmeira possui uma fibra vegetal resistente, produzida entre as folhas e caule, chamada de fibra piaçava (fibra bruta).

As fibras vegetais brutas são compostas de fibras e fitas que são separadas no primeiro processo de limpeza do material extraído da palmeira. As fibras da piaçava eram usadas pelos índios Tupinambás para confecção de vários utensílios do dia a dia das aldeias localizadas neste território e após a colonização foram empregadas em diversos fins, inclusive na fabricação de cordas para navios. A literatura aponta para uso em varredores de neve, quando exportadas, entre outros equipamentos de limpeza urbana no Brasil, como as vassouras de piaçava. Fornari; Fornari-Junior (2013) afirmam que a fibra apresenta resistência ao desgaste e às intempéries, e seu baixo peso e elevado comprimento, propiciam a exploração máxima da sua propriedade de tração. As fibras limpas podem atingir mais de 2 m de comprimento, têm grande resistência à ruptura e, a elasticidade varia entre 1,75% e 9% (GUIMARÃES E SILVA, 2012).

Esse produto florestal não madeireiro, aproveitado pelos agroextrativistas através da extração sustentável das fibras vegetais brutas é composto de fibras e fitas, após o pré-beneficiamento esses dois produtos são separados. As fitas, também conhecidas localmente como “bagaço da piaçava” são utilizadas para cobertura das cabanas na beira da praia e áreas de lazer. Os frutos são utilizados na alimentação humana na forma de farinha feita do mesocarpo, conhecida por farinha de “satim” pelos quilombolas. Também são confeccionadas biojóias e das sementes (amêndoas) é extraído o óleo de piaçava, usado localmente no preparo de peixes e outros alimentos. Segundo Guimaraes e Silva (2012) os testes realizados em amostras do carvão dos frutos da piaçavaeira, o material seco apresentou 87% de carbono, com poder calorífico superior de 29 MJ/Kg poder calorífico inferior de 28MJ/Kg.

Devido esta importância ambiental, social e econômica da palmeira nativa da Mata Atlântica brasileira, a ausência de dados sobre o sistema produtivo e a informalidade das relações comerciais, ou seja, a compra e venda da fibra vegetal bruta da piaçava é realizada

sem apresentações de notas fiscais ou quaisquer outros documentos que venham a informar a quantidade e valor comercializado nos municípios produtores. Os dados apresentados pelo IBGE são coletados junto aos informantes locais, podendo ser produtores, associações, armazéns e pontos de distribuição das fibras brutas.

O objetivo deste estudo é apresentar os preços praticados no Território do Baixo Sul da Bahia, tanto as estimativas comercializadas pelos produtores locais (memória e fala dos produtores) comparadas com dados oficiais publicados pelo IBGE e apresentar sugestões para a formalização da cadeia produtiva junto aos gestores municipais e estaduais.

METODOLOGIA

O Território do Baixo Sul da Bahia é composto por 16 municípios, entre esses, 07 municípios estão inseridos no Bioma Mata Atlântica exploram, cultivam e produzem a fibra bruta da piaçava. Conforme dados do IBGE os 07 municípios produtores de fibra bruta da Piaçava da Bahia são: Valença; Taperoá; Cairú; Nilo Peçanha; Ituberá; Igrapiúna; e Camamu. O presente trabalho foi realizado no Território do Baixo Sul da Bahia representado na FIGURA 01, com destaque aos municípios produtores de Piaçava da Bahia (*Attalea funifera*).

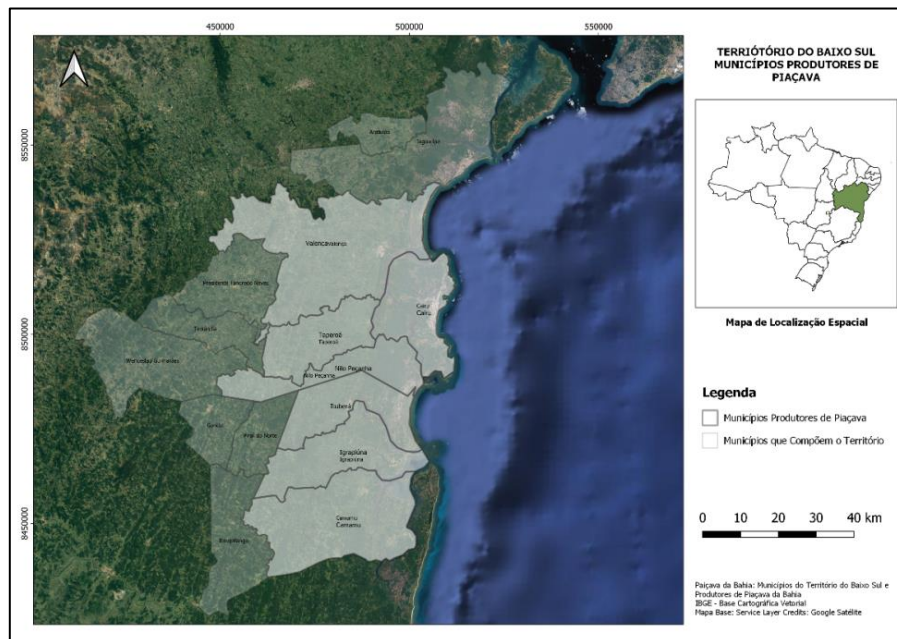


Figura 01: Território do Baixo Sul, em destaque para o municípios produtores de piaçava.



A metodologia utilizada para analisar os preços pagos aos agroextrativistas no sistema produtivo da Piaçava da Bahia, entre os 07 municípios que compõem o Território do Baixo Sul consistiu em: a) exame dos dados de campo levantados entre os anos de 2011 e 2015 na tese de doutorado do departamento de engenharia florestal da Universidade de Brasília (UnB); b) aplicação de roteiro semiestruturado junto a quatro instituições produtivas locais (virtual e presencialmente) em 2020 e 2021; c) atualização da revisão da literatura sobre esta espécie florestal; e d) consulta aos dados disponibilizados pelo IBGE (2017, 2018 e 2019).

As instituições produtivas locais amostradas neste estudo foram: Associação Quilombola do Brejo Grande de Ituberá (AQBGI); Associação de Biojóias Pesca e Agricultura em Ituberá (ABPAGI); e produtora da Comunidade Quilombola de Boitaraca.

As variáveis analisadas são: produção bruta anual de fibras vegetais *in natura* (volumes estimados); memória dos valores praticados nas transações comerciais (informais), em que os agroextrativistas estão diretamente envolvidos; e estimativas dos volumes mensais e/ou anuais que são comercializados nas transações dos sete municípios produtores do Território do Baixo Sul. Os dados apresentados pelo IBGE correspondem ao período de 2017, 2018 e 2019, e as informações dos agroextrativistas produtores variam em conformidade com a memória e relações comerciais estabelecidas localmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A palmeira da piaçava é endêmica da Mata Atlântica da Bahia, Sergipe e Alagoas, ou seja, de ocorrência restrita nas restingas e matas associadas ao Bioma Mata Atlântica, destes estados. Porém a variedade que ocorre nas restingas de Sergipe são palmeiras acaules (sem caule), com pouca produção de fibras vegetais e não foram identificados usos econômicos. Sendo identificado o aproveitamento das folhas desta palmeira para confecção de cestarias artesanais por uma comunidade tradicional em Massarandupió/BA. Considerando últimos 10 anos de estudos de campo, e acompanhamento dos dados disponibilizados pelas instituições públicas e de produção científica, identificou-se que o uso econômico e aproveitamento das fibras vegetais da *Attalea funifera* ocorrem nos ecossistemas associados de Mata Atlântica; em monocultivos e/ou cultivos diversificados

nas roças quilombolas e dos agricultores familiares, exclusivamente no estado da Bahia.

Atualmente os produtores do Território do Baixo Sul, que compõem este sistema produtivo, estão atuando de forma individual e independente, fato que dificulta a formação e estruturação do arranjo produtivo da *Attalea funifera*. Uma característica preponderante deste sistema produtivo é a quantidade de atores, com alto grau de divisão de tarefas entre os extrativistas, presença de diferentes atravessadores que compram a fibra bruta, fibra pré-beneficiada, fibra beneficiada e pentes na região. Os caminhos que segue a fibra vegetal da piaçava da Bahia, desde sua extração até o consumidor final são variados, e está representado na FIGURA 02.

Este sistema produtivo inicia com a extração da fibra bruta da palmeira em áreas de ocorrência natural nos fragmentos florestais de Mata Atlântica (pontal de piaçava); em pequenas áreas cultivadas pelos agricultores familiares e comunidades quilombolas, conhecidas como “roças de piaçava” que possuem áreas variando de 1 a 5 hectares; além dos monocultivos cultivados em áreas de 50 a 100 hectares. A extração de fibras vegetais é feita por especialista conhecido como “tirador”, este profissional estabelece relações trabalhista e comercial com os proprietários das áreas de extração e/ou são contratados diretamente pelo 1º atravessador. Mesmo considerando a informalidade das relações de trabalho, identificou-se que a remuneração do “tirador” é feita através de acordos de meia, ou seja, metade do valor das fibras brutas extraídas fica com o dono das palmeiras e a outra metade para o tirador. Em outras relações trabalhistas ocorre o pagamento por arroba (15 quilos - Kg) de fibra bruta, além da possibilidade de pagamento da fibra no pé que o 1º atravessador faz ao dono do piaçaval, após a extração da fibra bruta e com valor calculado em arrobas. Após a extração, as fibras são amarradas em feixes (mondongos) e depois transportadas até as áreas de armazenamento para posterior venda aos atravessadores, que buscam e transportam para locais de pré-beneficiamento das fibras vegetais, fábricas de vassouras nos municípios de maior porte, na Bahia e para os estados de PE, RJ, SP, ES e MG.

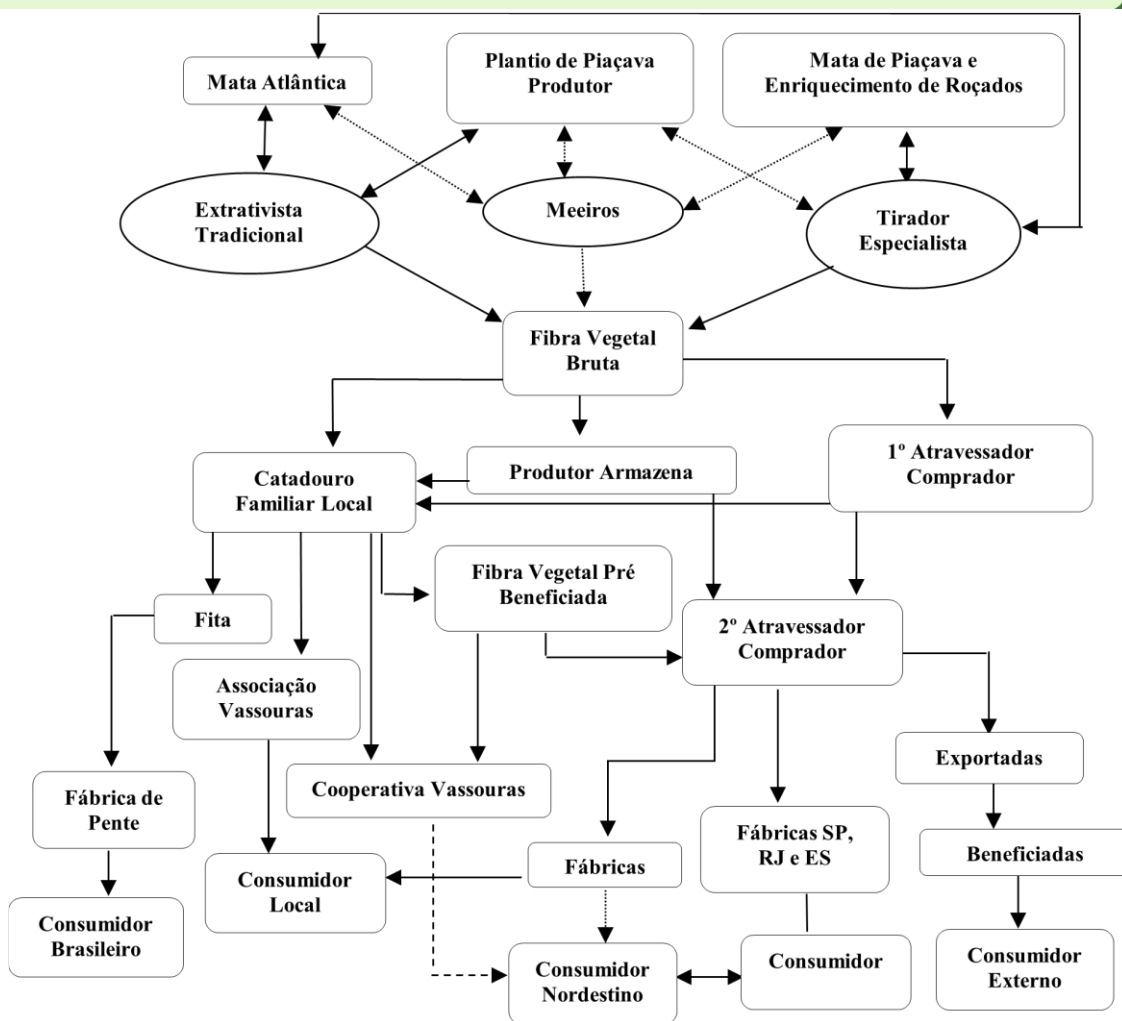
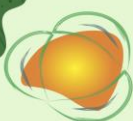


Figura 02: Fluxograma dos caminhos da fibra vegetal da piaçava da Bahia.

Observa-se que o trabalhador do sexo masculino, envolvido com sistema produtivo da piaçava, principalmente o “tirador”, que extrai a fibra bruta auferir ganhos de 55% do valor final pago, demonstrando uma grande diferença da margem destinada às “catadeiras” que corresponde a 7,62% do valor total comercializado com 2º atravessador. Mesmo com essa valorização do trabalho masculino, neste sistema produtivo, muitos jovens da zona rural não optam em aprender às técnicas com os “tiradores” mais experientes, para a subida nas palmeiras. O levantamento de campo apontou que a renda mensal de um “tirador” varia entre R\$ 1.500,00 a R\$ 3.000,00, valores acima dos salários médios pagos na região. (PIMENTEL, 2015)

A produção nacional de fibra de piaçava passou de 9.783 toneladas em 2017, para 7.679 toneladas em 2019 e a produção específica do estado da Bahia passou de 7.902 toneladas, para 5.869 toneladas em 2017 e 2019, respectivamente.

A produção de fibra bruta nos sete municípios pertencentes ao Território do Baixo Sul, no período de 2017 a 2019 informados pelo IBGE (2021) apresenta queda no volume comercializado no período, detalhados na TABELA 01.

Tabela 01: Volume de Produção de Fibra Bruta em toneladas (IBGE, 2021).

Municípios Produtores de Piaçava	2018		2018		2019	
	Quantidade (kg)	Valor (R\$)	Quantidade (kg)	Valor (R\$)	Quantidade (kg)	Valor (R\$)
Nilo	1.006.000	1.006.000,00	900.000	630.000,00	750.000	450.000,00
Peçanha						
Ituberá	769.000	769.000,00	700.000	560.000,00	600.000	540.000,00
Cairu	721.000	1.802.000,00	650.000	1.300.000,00	600.000	798.000,00
Taperoá	600.000	900.000,00	580.000	574.000,00	500.000	475.000,00
Igrapiúna	133.000	164.000,00	100.000	100.000,00	90.000	108.000,00
Valença	90.000	180.000,00	88.000	88.000,00	80.000	72.000,00
Camamu	83.000	167.000,00	70.000	105.000,00	60.000	78.000,00

Considerando os valores estimados de volume de produção e preços pagos pela fibra bruta (da porteira para dentro), no período de 2017 a 2019, segundo dados fornecidos pelo IBGE (2021), os preços praticados no território vêm declinando, passando de uma média de R\$ 24,10 por arroba em 2017 para R\$ 15,39 por arroba em 2019.

Segundo os produtores do território, esta queda na demanda pela fibra vegetal bruta está relacionada à diminuição do uso das vassouras de piaçava (substituição da fibra natural pela sintética); diminuição na promoção e valorização dos produtos confeccionados com fibra vegetal pelo setor produtivo local, regional, estadual e nacional; ausência de assistência técnica contínua aos produtores agroextrativistas; e falta de instrumentos de regularização da atividade comercial, com documentação de origem e demais procedimentos pertinentes.

Em contraponto aos preços informados pelo IBGE, os produtores locais amostrados neste estudo informaram preços pagos aos agroextrativistas diversificados, fato que vai de encontro à diversidade produtiva local, peculiaridades das relações comerciais tradicionais, bem como as especificidades relacionadas às áreas de manejo e exploração do território. O



fornecimento deste recurso natural para os diversos atravessadores que atuam diretamente no território, para fábricas de vassouras e de pentes para cobertura de quiosques na região, dentre outros estabelecimentos comerciais nos estados brasileiros, soma-se aos desafios de gestão participativa junto aos diversos segmentos sociais envolvidos neste sistema produtivo.

A AQBGI (Associação Quilombola do Brejo Grande de Ituberá) foi fundada em 1996, possuindo atualmente 205 membros, no total de 56 famílias residentes no quilombo, e foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como Remanescente de Quilombo (CRQ) em 2006. Estudo realizado neste território apontou a existência de 40 roças quilombolas de piaçava, com área total de 78 hectares, com aproximadamente 1.250 palmeiras por hectare e um estoque produtivo estimado em 97.500 piaçavas, das quais 83% estavam aptas à extração comercial (PIMENTEL, 2015). Segundo o presidente da associação quilombola, em 2018 foram comercializados entre 11 a 13 toneladas de fibras brutas pela zona rural de Ituberá/BA, sem envolvimento direto da associação ou quaisquer outras instituições pública e/ou privada do território. Em 2019 estima-se que entre 12 e 14 toneladas fibra bruta da piaçava tenha sido comercializada pelas famílias quilombolas em parceria com as comunidades de Ituberá, e que em 2020 esse volume comercializado elevou-se para 15 toneladas de fibra bruta. Os preços pagos pela arroba de fibra bruta extraída desta região variou entre R\$ 22,00 em 2018 e R\$ 24,00 em 2019 e R\$ 26,00 em 2020. Essas fibras brutas foram adquiridas dos agroextrativistas pelo 1º atravessador (Figura 01), este atravessador usualmente transporta até os galpões de limpeza (catadouros de piaçava) localizados no Território do Baixo Sul. A etapa seguinte consistiu na comercialização das fibras limpas para as fábricas de vassouras de Pernambuco e as fitas geradas deste processo foram comercializadas no território, com os produtores de pentes de piaçava para cobertura de quiosques.

A Comunidade Quilombola de Boitaraca, foi certificada no ano de 2005 pela Fundação Cultural Palmares e titulada em 2014 pela Coordenação de Desenvolvimento Agrário/CDA do Estado da Bahia, possui área de 62.900 hectares, as famílias quilombolas dependem diretamente da atividade produtiva relacionada ao uso palmeira *Attalea funifera*, que ocorre naturalmente neste território quilombola. O Quilombo Boitaraca tem sua

economia baseada principalmente na comercialização da fibra vegetal da piaçava, limpeza e confecção dos pentes para cobertura dos quiosques com as fitas da piaçava. Segundo a produtora quilombola entre 2018 e 2019 foram comercializados aproximadamente 105.000 kg (105 toneladas) de fibra bruta, com venda para o 1º atravessador, transação que envolveu 30 membros da comunidade. O valor pago pelas fibras brutas nestas transações de fibras brutas, entre 2018/2019 foi de R\$ 14,00 por arroba. No período seguinte, entre 2019 e 2020 a produtora quilombola informa que comercializou um volume aproximado de 113 toneladas de fibra bruta (suja) envolvendo 18 membros da comunidade, com preços pagos ao extrativista em torno de R\$ 15,00 por arroba. Adiciona ainda, que entre os diversos caminhos que a fibra bruta passa antes do 1º atravessador neste sistema produtivo, existem os donos dos piaçavais, quilombolas que entregam suas arrobas na planta, ao 1º atravessador, por preços que variam de R\$ 3,00 a R\$ 5,00. Acrescenta que o volume comercializado no município de Nilo Peçanha entre janeiro a julho de 2021 foi estimado em 12 mil arrobas de fibra bruta.

A ABPAGI (Associação de Biojóias Pesca e Agricultura em Ituberá) foi criada em 1987 com o objetivo de assistir os agricultores familiares, pescadores e artesãos locais nos processos de organização comunitária relacionadas ao beneficiamento, produção, comercialização de produtos da sociobiodiversidade local. As articulações junto a instituições públicas, como a parceria com a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, através de dois convênios firmados com o Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável do Estado da Bahia – PDRS (Bahia Produtiva) garantiu o fomento à cadeia produtiva da pesca e da piaçava em 2019 e 2020. A ABPAGI, em conjunto com seus 600 associados, apoiou a comercialização de 89.000 arrobas de fibras brutas dos produtores associados em 2018, elevando para 90.000 arrobas em 2019, e reduzindo para 65.000 arrobas em 2020. Os preços praticados nestas transações comerciais correspondem a R\$ 16,50 por arroba em 2018; e R\$ 18,00 por arroba em 2019 e 2020.

DISCUSSÃO

Os preços pagos informados pelos agroextrativistas no comércio das fibras brutas, são divergentes dos apresentados pelo IBGE, enquanto os produtores do território do Baixo



Sul (AQBGI, Boitaraca e ABPAGI) apontaram uma elevação nos preços praticados localmente, o IBGE (2021) aponta um declínio no preço pago aos extrativistas do território, dados consolidados na TABELA 04. Esse fato comprova a carência do setor produtivo na mensuração de dados de produtividade, preços praticados, e comercialização da fibra vegetal bruta.

Tabela 04: Preço médio pago aos agroextrativistas do Território do Baixo Sul da Bahia.

INSTITUIÇÕES	Valor R\$ ¹ 2017	Valor R\$ 2018	Valor R\$ 2019	Valor R\$ 2020
IBGE	24,10	17,12	15,39	
AQBGI		22,00	24,00	26,00
BOITARACA		14,00	15,00	
ABPAGI		16,50	18,00	

¹Preço médio (pago aos agroextrativistas por arroba. Uma arroba possui 15 Kg de fibra bruta vegetal da Piaçava da Bahia (*Attalea funifera*).

Segundo Helen et al. (2018) a exploração da piaçava no Território do Baixo Sul “(...) representa fonte de trabalho e renda nos municípios.” Os autores complementam afirmando que o manejo desta palmeira pode gerar retorno financeiro necessário às famílias envolvidas no trabalho com a piaçava-da-Bahia, caso o setor produtivo e gestores municipais venham atuar diretamente com segmentos sociais envolvidos, além da valorização dos aspectos culturais relacionados a exploração da Piaçava da Bahia.

Neste aspecto o presente trabalho, em conformidade com a fala dos agroextrativistas locais consultados, aponta a necessidade de valorização da fibra bruta através da melhoria dos preços pagos a este segmento social, e entende que o arranjo produtivo local da Piaçava da Bahia precisa se estruturar, para promover a devida inserção econômica deste produto florestal. O manejo florestal sustentável somente será possível com a remuneração justa dos extrativistas (social), a estruturação da atividade produtiva (econômica) e a conservação da floresta através do uso racional dos recursos presentes (ambiental). Neste aspecto, são necessários estudos relacionados às boas práticas de manejo da espécie.

Amaral (2015) realizou um estudo na Comunidade Ponto Central, localizada em Santa Cruz de Cabrália, na Costa Sul da Bahia, mais ao sul do Território do Baixo Sul da

Bahia, abordando os aspectos culturais, sociais, ecológicos e econômicos da cadeia produtiva da piaçava da Bahia. Nesta região, as fibras brutas são adquiridas pelos armazéns que fazem o pré-beneficiamento das fibras e depois repassam aos atravessadores (2º atravessador) que transportam as fibras limpas para SC, SP, MG, MT e ES com a finalidade de fabricação das vassouras de piaçava. Os preços praticados na região, em 2012, variaram entre R\$ 20,00 a R\$ 30,00 a arroba de fibra bruta da piaçava.

Importante destacar que a agregação de valor das fibras brutas vegetais é de suma importância para elevação da renda dos agroextrativistas envolvidos neste sistema produtivo. Assim a organização do arranjo produtivo local para o pré-beneficiamento, beneficiamento e transformação da fibra vegetal bruta em vassouras de piaçava e pentes para cobertura de quiosque são ações estruturantes ainda mais complexas que requerem estratégias do setor produtivo e gestores municipais. Como resultado da organização das unidades familiares, galpões, associações e cooperativas em arranjo produtivo local circulação de riqueza no território se elevaria. Deve-se destacar que o melhor aproveitamento da matéria prima e agregação de valor local, provocaria a redução de atravessadores, diminuição dos custos de logística e transporte dos produtos beneficiados. Estima-se que 47,3% das fibras brutas extraídas das áreas de produção fazem parte do resíduo de processamento da vassoura de cepo da Piaçava da Bahia (PIMENTEL, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apontou que a variação dos preços pagos aos agroextrativistas pela fibra bruta da piaçava é um indicativo da falta de coesão entre os atores locais do sistema produtivo, ou seja, a produção e a comercialização dos produtos oriundos da fibra vegetal da piaçava estão sendo feitas de forma tradicional, onde as estratégias individuais e segmentadas mantêm as melhores retornos econômicos aos atravessadores que atuam neste sistema.

Considera-se que a produção, sistematização e compartilhamento do conhecimento tradicional, associado aos Povos e Comunidades Tradicionais do Território do Baixo Sul auxiliarão na proposição participativa de ações, que possam formalizar as relações comerciais entre produtor e demais atores presentes neste sistema produtivo da fibra bruta



de piaçava, com benefícios diretos aos agroextrativistas envolvidos.

Os dados, análises e informações aqui apresentadas expressam a urgência da valorização destes segmentos sociais, da manutenção e restauração de fragmentos florestais do bioma, possibilitando a estruturação produtiva, efetivando um arranjo produtivo local no território, sobretudo com criação de políticas públicas voltadas ao pagamento dos serviços ambientais, inovação, manejo de recursos da sociobiodiversidade brasileira e reparação junto aos segmentos sociais historicamente inferiorizados.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. M. Construção de Indicadores de Sustentabilidade da Piaçava (*Attalea funifera* Martius) na Mata Atlântica. Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, nº 43. São Paulo. 2015. 48 p.

FORNARI, C. I.; FORNARI JR, C. C. M. Avaliação da força de cisalhamento das fibras longas de piaçava em poliéster insaturado. Estudos tecnológicos em Engenharia, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 27-36, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.4013/ete.2013.91.04>

GUIMARÃES, C. A. L.; SILVA, L. A. M. Piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Martius): do extrativismo à cultura agrícola. Ilhéus: Editus; 2012. 264 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**, Produção da Extração Vegetal e Silvicultura 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

CONCEIÇÃO, H. R.; ROCHA, W.D.; MARTINEZ, R. A. Exploração da Piaçava por comunidades locais do Baixo Sul da Bahia: Renda, Subsistência e Cultura. IN: Rede Prodema em ações nas Ciências Ambientais/ Soares, M. J. N; ALMEIDA, R. N; DANTAS, J. O.; GOMES, L. J.; GALVINCIO, J. D. (orgs.). Aracaju: Criação, 2008 504p.

PIMENTEL, N.P. Uso Tradicional, Manejo e Processamento da Piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Mart.). Tese (doutorado) UnB, Faculdade de Tecnologia, 2015, 210p.

PIMENTEL, N.P.; MENEZZI, Rendimento do processamento dos produtos oriundos da fibra vegetal da piaçava (*Attalea funifera*). Revista Nativa, SINOP, 2020. v. 0, n.1, p. 137-144.